

## 6 Conclusão

Parece que todo aquele que penetra no labirinto do romance polifônico não consegue encontrar a saída e, obstaculizado por vozes particulares, não percebe o todo. Amiúde não percebe sequer os contornos confusos do todo; o ouvido não capta, de maneira nenhuma, os princípios artísticos da combinação de vozes. Cada um interpreta a seu modo a última palavra de Dostoiévski, mas todos a interpretam como *uma* palavra, *uma* voz, *uma* ênfase, e nisto reside justamente um erro fundamental. A unidade do romance polifônico, que transcende a palavra, a voz e a ênfase permanece oculta.

Mikhail Bakhtin

Quais são as armadilhas que espreitam o leitor por trás do final aparentemente fechado de *Os Irmãos Karamázov*? É certo que Dostoiévski, como cristão, desejasse passar ao leitor uma mensagem de esperança, mas até quanto ele foi bem sucedido nessa tarefa? O fato é que a grandeza do romance parece residir justamente em seu fracasso em oferecer uma resposta definitiva às questões apresentadas ao longo da narrativa. De acordo com Bakhtin, o romance polifônico é elaborado, em grande parte, à revelia do autor, adquirindo certa autonomia em relação às intenções limitadas do autor-indivíduo.

A contradição está no cerne da obra de Dostoiévski, e por isso ela se afigura tão assustadora ao leitor e desafiadora ao crítico ou teórico, porque parece resistir a qualquer tentativa de sistematização. Todavia, o preparo de um trabalho acadêmico exige o mínimo de sistematização, o que significa que o autor, em algum momento, deve forçar a extração de um significado, recaindo fatalmente no monologismo. O próprio Bakhtin foi vítima desse equívoco que denuncia, quando optou em calar a voz das questões religiosas que permeiam as narrativas, tomando-a como secundária. Outros, como Berdiaev, decidiram centrar-se quase integralmente nos aspectos religiosos, deixando de lado outras questões relevantes, sobretudo as de ordem estética. Desse modo, parece que a obra de Dostoiévski possui uma totalidade inacessível ao intérprete, que, por sua vez, deve se conformar com o mal-estar provocado pelo caráter inacabado de seus romances.

A falta de acabamento também se estende aos personagens, inclusive ao protagonista Aliócha. Depois de sua experiência mística, Aliócha é obrigado a retornar ao domínio da linguagem, o que implica necessariamente na degradação de sua experiência interior que não pode ser traduzida em palavras. Assim, o momento posterior ao êxtase é o da reinserção na polifonia, a “noite escura” de São João da Cruz (1542-1591). A polifonia não é superada pelo indivíduo que traz a experiência, ela o abarca assim que ele penetra novamente no movimento discursivo. É nesse sentido que Nietzsche afirmava que Jesus Cristo era o único cristão autêntico, por ser o único possuidor da experiência interna.

A fala de Aliócha está inserida no mesmo multivocalismo que a dos demais personagens, de modo que toda diferenciação qualitativa acaba se transformando num ato de subjetividade. É interessante observar como o discurso final do protagonista pode ser interpretado como uma paródia do monólogo do Grande Inquisidor, na medida em que ambos procuram convencer os interlocutores acerca de uma determinada “verdade”, seja ela a existência ou a inexistência da imortalidade. Afinal, quem pode garantir que Aliócha, a exemplo do Inquisidor, não esconde de suas crianças, por compaixão, o mesmo “segredo terrível”? Em nenhum momento fica claro se a imortalidade a qual se refere o herói é literal ou metafórica, sabe-se apenas que se trata de uma justificativa dialética para os argumentos de Ivan. É como se, de alguma forma, a sombra do antagonista ainda pairasse, demarcando o caráter inacabado do conflito. Nas palavras de Bakhtin (2005, 64):

Não se trata, em hipótese alguma, do estenograma de um diálogo *acabado*, do qual o autor já saiu *acima* do qual se encontra neste momento como quem se encontra numa posição superior e decisiva: ora, isto transformaria imediatamente o diálogo autêntico e inacabado em *modelo* material e acabado do diálogo, modelo comum a qualquer romance monológico. Em Dostoiévski, esse grande diálogo organizado como o *todo não-fechado* da própria vida situada no *limiar*.

Um detalhe chama particularmente a atenção: o instante em que Aliócha alude à possibilidade de que o mal possa vir a triunfar novamente no futuro. Dostoiévski desejava escrever uma continuação do romance e prometia uma reviravolta no destino de seu herói. O amigo Alieksiêi Suvórin relata uma conversa com Dostoiévski, pouco antes de sua morte, citando as seguintes palavras do autor: “Na sua opinião, havia muita coisa em meu último romance que

era profética. Mas espere pela continuação. Nela Aliócha deixará o mosteiro e se tornará um anarquista. E meu puro Aliócha matará o Czar” (apud. Frank, 898). De acordo com Suvórin, esse encontro teria ocorrido aproximadamente um mês antes do assassinato de Alexandre II, que Dostoiévski não chegou a testemunhar.

Essas palavras revelam, sobretudo, a consciência profunda de que sua obra continuaria a ser escrita pelos séculos posteriores, tanto nos eventos externos como na psique dos leitores. Felizmente não há previsão de término.